



## **PATRIMÔNIO CULTURAL NO SÉCULO XXI: PESSOAS, LUGARES, HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES EM NOVA IGUAÇU, RJ.**

ELIS REGINA BARBOSA ANGELO<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este trabalho tem o intuito de conhecer pessoas, memórias, histórias, celebrações e lugares que formam o patrimônio de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Nos lugares, espaços, territórios e relações, as pessoas vão sendo protagonistas de identidades que, ora vão traçando relações de pertencimento social, por meio de suas histórias, memórias e depoimentos na confluência da herança cultural. Além disso, merece destaque a carência de estudos que contemplem o universo da cultura, das manifestações e dos saberes populares, circunscritos nos diversos territórios destas práticas, especialmente as festas da banana, do aipim e do milho. Como encaminhamentos metodológicos foram criados instrumentos abertos de pesquisa por meio da História Oral, organizando acervos de memórias dos lugares e saberes, voltados para a formação de referências empíricas sobre a cultura popular na cidade, inscrita em monumentos, saberes e sabores da terra e das “gentes” ora representadas. Como resultados, percebeu-se que, as festas, as celebrações religiosas, as crenças, os saberes, lugares, pessoas e objetos foram sendo representados, simbolizados e sentidos pelo seu povo, e, ao privilegiar essas direções, também formam o patrimônio cultural da cidade, reconhecidos nos olhares, no ato de pertencer, nas relações de sociabilidade, de formação de territórios e de suas próprias identidades.

### **Palavras Chave**

Patrimônio, Cidade, Pessoas, Lugares.

### **1 FORMAÇÕES PATRIMONIAIS: OS SENTIDOS DAS EXPRESSÕES**

A cultura no seu amplo sentido, se constrói tanto pelos objetos quanto por seus usos e significados concentrados temporal e cronologicamente. A concentração de esforços para interpretar os aspectos ligados às funções exercidas (in)diretamente pelos objetos materiais fornece as relações possíveis entre o que é a matéria e o que é o movimento, formando conceitos e representações físicas e imagéticas e também intangíveis. (BAUMAN, 2012)

---

1 Elis Regina Barbosa Angelo – Doutora em História pela PUCSP, Professora no Instituto Multidisciplinar, Departamento de Administração e Turismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Contacto: [elis@familiaangelo.com](mailto:elis@familiaangelo.com)

Considerada como um sistema de ideias, hábitos, valores e costumes, que caracterizam sociedades e constitui o seu patrimônio social, cada grupo/ indivíduo, se constrói também pelas diversidades de cada objeto/grupo/ espaço. Essa forma de interpretação sugere a análise sociocultural “através dos objetos e dos seus usos, inscrevendo-os em uma teia de relações humanas que deve ser captada para que a História da Cultura Material não se transforme em um mero inventário descritivo de bens diversos e de suas formas de consumo”, Barros (2004, p. 32-33).

Procura-se entender as relações estabelecidas com a produção dos bens culturais que não se limite a estudar apenas a função dos objetos e suas técnicas, mas analisar a sua produção, alinhadas às práticas sociais.

Neste trabalho foram discutidas as representações culturais da cidade de Nova Iguaçu enquanto lutas pelo espaço, inserção social e pela transformação dos lugares de memória em bens de natureza (i)material na formação do seu patrimônio cultural. Nessa perspectiva, o patrimônio não deve ser concebido apenas como um conjunto de elementos selecionados sob critérios científicos, mas a expressão autorreferencial de um pertencimento (BORTOLOTTI, 2011) especialmente as festas, os lugares e as relações estabelecidas entre estes e suas funções na sociedade iguaçuana.

Como metodologia foi utilizada a História Oral (THOMPSON, 1992), partindo dos depoimentos e expectativas dos criadores das festas, localidades e comunidades. Para complementar os dados, utilizou-se fontes bibliográficas, periódicos, revistas e informações das próprias comunidades onde as festas ocorrem, além da análise documental e bibliográfica, pesquisas de campo e entrevistas. As entrevistas focalizaram a história oral temática, e, eventualmente, as histórias de vida dos entrevistados, englobando especialmente o universo de produção da cultura popular, do patrimônio e da própria região.

## **2 AS FESTAS POPULARES NO ESPAÇO VIVIDO E ORGANIZADO: A BANANA, O AIPIM E O MILHO**

As festas populares da cidade de Nova Iguaçu, na baixada fluminense, representam as lutas pela formação dos espaços, descrevendo por meio de ações, símbolos e territórios os elos de pertencimento com a história do trabalho na cidade, da sobrevivência e da sociabilidade popular, além de exercer a busca pela cidadania. O meio cultural em que vivem as comunidades é refletido em seu conhecimento e experiência. As tradições, a cultura material e imaterial construídas, a

memória e os esforços da comunidade estão arraigados na construção de suas identidades e no seu patrimônio cultural.

As festas, o enredo, as celebrações, os espaços e territórios e seus simbolismos acarretam sensações percebidas no encontro com o lugar de memória, tanto física quanto imaterialmente. Esse lugar de memória é o espaço onde as celebrações acontecem, onde se iniciaram e onde criaram uma forma de representar indivíduos, grupos e identidades. Exemplos disso em Nova Iguaçu são as festas, criadas pelo povo e para o povo que em larga medida se concentram nas periferias e identificam a cultura popular, alimentar e identitária.

As festividades criadas por iniciativa e demanda popular como a Festa da Banana de Jaceruba, a Festa do Aipim e a Festa do Milho se fortalecem nos laços de sociabilidade, sob as formas de construção do território e de suas identidades, traduzidas por suas singularidades e suas funções enquanto representações simbólicas, econômicas e culturais.

A construção da identidade passa pela percepção de sua formação a partir de “elementos individualizadores e identificadores, enfim, o conjunto de traços psicológicos, o modo de ser, de sentir e de agir de um grupo, que se reflete nas ações e na cultura material.” (Pires, 2001, p.102)

As festas abordadas referem-se às criações do universo popular, ou seja, são expressões criadas pelo povo para promover sua cultura e sua forma de sobrevivência, criando assim a expressão da economia pela cultura alimentar, seja a banana, o aipim ou o milho.

A partir da identificação de cada uma delas, busca-se entender os processos de formação, continuação e participação efetiva dos indivíduos e grupos e as funções exercidas por elas nos territórios onde se concentram. Os cenários das festas, seus protagonistas e as relações de pertencer vão interferindo na formação do patrimônio cultural da cidade e, esta perspectiva dialoga com as lutas pelo espaço e pela sobrevivência de comunidades e de suas histórias. Esses cenários serão lidos a partir de perspectivas de seus criadores e suas relações com o tempo e espaço a fim entendê-las, e de certa forma salvaguardá-las como memórias para futuras gerações.

## **2.1 A Festa da Banana de Jaceruba**

A festa da Banana ocorre em Jaceruba, Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro, conhecido até 1883 como São Pedro, um bairro da cidade com cerca de aproximadamente 4.000 habitantes. Esse espaço faz parte da Reserva Biológica do Tinguá, instituída como APA – área de proteção ambiental do município e é considerada um dos paraísos ecológicos da Mata Atlântica.

O Bairro, além de sua importância ambiental representa o período de atividades da estrada de ferro Rio D'Ouro, quando funcionava a antiga estação Ferroviária de Jaceruba, início do Século XX. Com uma paisagem bucólica, os moradores locais possuem uma vida típica do “interior”, como se fosse um refúgio provinciano.

Nos finais de semana e em períodos de festa se transforma num refúgio também para a população dos bairros vizinhos como Villa de Cava, Rio D'Ouro e ainda para cidades do entorno como Queimados, Japeri e Paracambi. A região possui a economia voltada para a agricultura o que levou um grupo de moradores a discutirem a necessidade de proporem a realização de uma festa como estratégia de fortalecimento da economia da Banana e da própria agricultura local.

A Banana foi escolhida como símbolo da produção da região por ser o produto cultivado por muitos agricultores (11 grandes e 18 pequenos produtores), o que possibilitou conferir unidade suficiente para uma festividade no Bairro.

Dessa forma, nasceu a festa da Banana de Jaceruba, uma proposta coletiva entre a ASSOJAP -(Associação de Produtores de Jaceruba) e AMOJA (Associação de Moradores de Jaceruba) tendo sua primeira edição em 2007. A localidade tem um legado voltado para a produção e exportação, já que, no passado, teve o Porto da Estrela, pertencente a Iguazu, um dos mais importantes pontos de concentração de produção cafeeira vinda de outros estados. (PEREIRA, 1977).

Além do rio Iguazu, outros eixos de transporte muito contribuíram para a prosperidade de Iguazu, pois, apesar das primeiras ocupações serem evidenciadas com a introdução da cana-de-açúcar, no início do século XVII (NIGRA, 1943 e PEREIRA, 1977), a ocupação se efetivou a partir da transição entre o século XVII e XVIII, graças ao posicionamento privilegiado que a Baixada Fluminense possuía, pois encontrava-se entre o porto do Rio de Janeiro e a região aurífera de Minas Gerais, acarretando assim a emergência da criação de caminhos que aproximassem o ouro mineiro do porto carioca, tornando, também, mais rígida a fiscalização. Oliveira (2004, p.07)

Nova Iguazu é constituída por heranças dos momentos históricos pelos quais se influenciou e pelas diversas formas de representações culturais que orientam, influenciam, caracterizam ou determinam os desdobramentos e eventuais transformações. Sabe-se que o processo de formação da identidade social não ocorre de forma natural, mas da “relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição

de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma.” (CHARTIER, 1991, p. 183)

As “gentes” dos lugares vão produzindo algo para a sociedade calcada de certa forma pela imposição de outros tempos, a exemplo da festa da laranja, no seu tempo de produção. Nos séculos XVII, XVIII e XIX, cada grupo que chegou na cidade, trouxe na formação dos espaços algumas marcas observadas nas construções e, dessas realidades, outros rumos foram sendo tomados pela organização e pelos traços deixados nos caminhos, como o caminho do ouro, da ferrovia, com os movimentos de escoamento da produção do Estado e da própria laranja, reconhecidamente responsável pela imagem criada nos seus tempos áureos.

Diferente dessas memórias de séculos anteriores, atualmente relegadas ao patrimônio histórico das ruínas, o movimento dos “lugares de memória” vão se redefinindo nessa temporalidade. (NORA, 1993)

As festas, criadas por motivações econômicas e culturais trazem uma perspectiva nova no século XXI, percebendo que, novas histórias devem ser traduzidas pelos “braços” daqueles que agora escrevem suas memórias. A esse exemplo, a festa da banana vai tornando-se uma representação simbólico cultural, sendo uma conquista dos moradores locais, especialmente sobre esse novo momento da história da cidade, relegada às margens da exclusão social.

Ao comentar sobre o início e relevância da festa, uma moradora e depoente dessa pesquisa menciona:

Meu nome é Isis Félix do Rego, sou moradora de Jaceruba desde que nasci né? E a importância da nossa festa da banana pra nós moradores daqui é uma conquista. O sonho que se realizou de chamar as autoridades e o poder público pra dentro de Jaceruba. Isso é pra gente conquistar alguns objetivos mas através da festa da banana, ela trouxe, melhoria pro colégio, que foi o posto de saúde, iluminação, por exemplo, que hoje 80% de Jaceruba é iluminado, 80%, tudo bem na ocasião da festa eles só lembram da gente na festa, nas festas tipo na festa da banana que começa a festa da banana ai eles começam a subir ai vem troca as lâmpadas, os refletor, os refletor não, como é que chama aquele negócio, os poste, botaram transformador, nós tínhamos isso que vocês tão vendo hoje a falta de energia nós tínhamos com frequência, era um dia sim e o outro também, era hoje e amanhã sem luz, telefone zero, tudo conseguimos da festa da banana pra cá, a festa da banana pra cá acreditamos que o telefone veio fizeram muito baixo assinado o que aconteceu, aconteceu, e veio mesmo no ano seguinte e no segundo ano da festa o telefone veio. (Depoimento de Dona Ísis, 2012)

Os objetivos dela e da sua comunidade referem-se às melhores condições de vida e de trabalho, além de incentivos públicos à produção da banana e do próprio aipim. A ideia da Festa deu-se em 2005, mas sua primeira edição aconteceu em 2007. A festa faz parte do Calendário Municipal da Prefeitura de Nova Iguaçu (Lei 4.077/2011) e acontece no mês de Agosto no Bairro de Jaceruba.

O espaço de realização da festa é composto por barracas comerciais ornamentadas com a fruta e a planta da bananeira, um palco principal para apresentações das atrações artísticas locais e demais serviços de informações sobre o caminhar do evento em questão.



**FIGURA 1: Barraca da Festa da Banana de Jaceruba**

**Foto: Elisa Paes Silva, Jaceruba, 2013.**



A construção da consciência coletiva por meio de ações individuais e grupais formaram o universo de conquistas da comunidade. Dona Raimunda ao mencionar esses ganhos advindas da banana diz:

(...) e nos conseguimos tudo através da festa da banana, sendo que em dois, três anos atrás, foi a primeira vez que a prefeita veio aqui, Sheila Gama, três anos atrás depois de não sei quantos anos, eu não tenho muito na minha mente, porque data eu esqueço muito, quando a Sheila Gama veio aqui, nós já tínhamos feito um planejamento de levar ela pra mostrar o posto. Aí o quê que acontece: Jaceruba é isso melhorou muitíssimo, do que era hoje Jaceruba é um paraíso. Depois disso, da festa da banana, nós tivemos uma coisa que nós não tínhamos em Jaceruba. Ninguém era dono de nada, você, eu disse que houve o loteamento, você tinha um documento batido na máquina reconhecido em qualquer cartório com uma firmazinha *furreca* que você era proprietário. Ninguém teve nunca um *rezistro* de posse do seu, do seu pedaço. Na primeira festa da banana nós reivindicamos esse direito e a fazenda legal veio aqui dentro, fotografou a casa e veio começou a você pagar imposto. Então uns aderiram bem aquele imposto porque era mínimo. Também não foi aquela coisa abusiva. (Depoimento em conjunto: Dona Ísis e Dona Raimunda, 2012)

A festa ganha corpo pelas necessidades da comunidade e de representar seu universo simbólico. As mesmas falas vão de encontro a outras festividades, como é o caso da festa do aipim, que representa a luta pelo espaço e pela simbologia da cultura alimentar, além de ser uma luta por melhores condições de moradia, estrutura e sobrevivência da comunidade local.

Jaceruba é vou dizer que cinquenta por cento é plantação de aipim, e cinquenta por cento da banana, sendo que a banana predominou épocas atrás, e a laranja que aqui tinha muito laranjal aqui pra dentro, a onde que hoje é parque do Capichaba, aqui era tudo laranjal. Ai nós fomos fazer a primeira festa né, o que aconteceu, tinha um rapaz ali bebendo cerveja, ele escutou o nosso papo. Você se lembra dele o Weliton?, (diz D. Isis a D. Raimunda, que sacode a cabeça dizendo que sim), ele escutou o papo, ai tava escutando o papo ali, quando o Ivan foi embora que eu falei tudo bem, a gente faz a festa como a gente planejou, é fazer as barracas de pindoba, de bambu, e bota cada um...Falei, então a gente trás um bocado de pessoas e vamo fazer a primeira festa, só que esse rapaz ouviu o papo da gente, ele pegou e disse Isinha, Senhora, desculpe, eu ouvi o papo da Senhora, escutei vocês conversando e vamo fazer o seguinte: Vai na prefeitura lá, que eu trabalho lá dentro, eu vou arrumar uma ponte pra vocês falar lá com pessoal de eventos....(Depoimento de Dona Ísis, 2012)

As festas da banana e do aipim, nascem da mesma proposta de reconhecimento e luta pelo espaço, seja ela pela melhoria da infraestrutura, seja pela melhoria das condições econômicas dos moradores.

A distribuição da agricultura entre banana e aipim vai desenrolando uma nova história econômica para a cidade, pautada na agroindústria familiar e no próprio fomento às práticas advindas desse processo, por exemplo a criação de pratos, sabores e atividades, como é o caso da feira da roça, que comercializa produtos da região de Jaceruba e Tinguá.

## **2.2 A Festa do Aipim de Nova Iguaçu**

A Festa do Aipim de Tinguá, acontece habitualmente no mês de Julho no centro do bairro, a pouco mais de 25 Km da Cidade. A produção de Aipim cultivada no bairro deu origem a uma das festas mais conhecidas da Baixada Fluminense. O bairro situa-se no entorno da Reserva Biológica Federal do Tinguá, estendendo-se por uma área de 26 mil hectares. O Tinguá comemora fragmentos da história iguaçuana, ao trazer os traços significativos das memórias econômicas da região, destes fazem parte a Estrada Real do Comércio (1811), a Fazenda São Bernardino (1875), a Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Iguaçu (1699), o Porto do Iguaçu (1830) e a Estação Ferroviária de Tinguá (1876). Além da própria Rebio Tinguá, de fauna e flora abundante e significativa para a região em termos ambientais e culturais.

Forma-se por meio de elos com o local de produção, pois, o Tinguá representa sobremaneira a cidade de Nova Iguaçu, seus tempos históricos organizados pela olaria, o café, a laranja e o que sobrou, seja nas ruínas atualmente relegadas à fazenda São Bernardino e seu entorno e à configuração geográfica dos patrimônios construídos dos distritos. O evento faz parte do Calendário Turístico Oficial do Rio de Janeiro publicado no Diário Oficial da União de LEI Nº 6305, de 29 de agosto de 2012 (Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, 2012).

Sobre a vida cotidiana e suas adversidades, especialmente a menção à criação da festa D. Raimunda diz:

(...) A festa do Aipim começou precisamente em 2003, os cabeças, os criadores foram Marré (falecido) e Renatinho. É uma ideia antiga que eles só conseguiram realizar em 2003. Como é que essa festa acontece? É pelos moradores. Na época foi criada para gerar renda para os moradores do Tinguá.(...) a partir da segunda festa a prefeitura começou a dar apoio, que começou a fornecer os toldos, a tenda, o som, o palanque e a iluminação. (Dona Raimunda, 2012)

Buscar os aspectos de construção é também favorecer aspectos cotidianos e comuns da cidade, das vozes e do passado. A construção social da festa do aipim, sem dúvida, é o início de conquistas das lutas sociais da comunidade, tão carente de recursos. A festa, sem dúvida é a história viva, contada pelos seus protagonistas, formadores não apenas de uma cultura alimentar, mas da celebração da vida e suas mazelas. A busca pela inserção social, a luta pelo espaço, melhores condições de vida, de trabalho e financeiras demonstram o empenho da comunidade em ser evidenciada e reconhecida publicamente, pelos esforços em angariar fundos e pela própria tradução do universo imaterial.

Tanto as festas que identificam a cultura alimentar quanto as festas de religiosidade popular possuem um elo com a formação do espaço de luta e reconhecimento do povo, trazendo com isso uma forma de expressão para as lutas coletivas, para o fortalecimento político e para o benefício econômico da região.

### **2.3 A Festa do Milho**

Diferente das festas do aipim e da banana, a festa do milho de Jaceruba possui uma conotação religiosa, não advinda da produção agroindustrial local, mas expressão ímpar de nova forma de entretenimento atrelado ao espaço e aos métodos de representação de uma cultura religiosa.

Jaceruba, sendo um bairro de Nova Iguaçu onde 80% de sua população é adepta à religião evangélica, simbolicamente criou uma festividade atrelada à religiosidade.



**FIGURA 3: Festa do Milho de Nova Iguaçu**

**Foto: Elisa Paes Silva, 2013.**

Há aproximadamente 19 anos nasceu a Festa do Milho, comemorada por todo o seguimento evangélico local e pelos adeptos de outros bairros e cidades vizinhas.

Acontece sempre no último sábado do mês de Julho. Nesse ano 27 de julho, o próximo. (...) então já tá indo pra 19 anos, que vai acontecer (...) a participação é muito boa. Mas, é um trabalho que a gente faz que é, eu tive um trabalho, e daquele trabalho a gente lembrou mais e ai a mulher junto com a filha começamos é, a programar pra gente fazer uma coisa diferente. E ai criamos a festa de Milho e agora vai pra 19 anos né ao ano que vem . É Porque é roça, lavoura. É, na verdade a finalidade o que é isso? Tem um número de pessoas que você convida pra ir na igreja não vai na igreja, cê convida ele não gosta de igreja, as vezes não gosta de crente, então essa festa de milho ela não é feita dentro do salão , é do lado de fora a gente tem um palanque inclusive a gente tem palanque próprio em frente a rua a gente monta ele, e é tudo feito na igreja, é no pátio da igreja se vende tudo ali, então o palanque só pro lado de fora que tem espaço a

gente começa cantando, uma banda, o pessoal vai cantando, vários grupos cantando louvores de adoração e as pessoas vem participa da festa come tudo que tem direito de comer, né, ih está ouvindo a palavra de Deus através do louvor e uma mensagem é um meio de você aproximar. E as pessoas vem, vem muita gente, gente que nunca vem na igreja...(Depoimento do Senhor Ivo, 2013).

O elemento mais importante da festa é o próprio milho, pois este para os evangélicos representa o trabalho, o esforço de evangelização que a comunidade evangélica tem como missão de pregar o Evangelho a todas as pessoas. Plantar a palavra de Jesus representa o milho e colher os frutos dessa plantação representa a própria comemoração com milho (a palavra) e os fiéis. No depoimento de Dona Marilza percebe-se um pouco desse estranhamento entre os não evangélicos com a proposta de evangelização pelo milho:

É porque tem pessoas também, que eles tem assim como é que se diz, eles olham os evangélicos com um olhar diferente, tá entendendo? Não gostam nem de se aproximar que acha que já que não quero ser evangélico num vou na festa,entendeu ? Então eles chega , eles tem uma impressão as vezes do evangélico diferente do que é, então eles vindo participando eles sabe que as vezes não é aquilo que eles pensa, tá entendendo? Que aí chega ali gosta de vim tanto quem vem um ano, num, quer é... no ano seguinte perder, liga pra mim me avisa o dia porque eu não posso perder. (Depoimento de D. Marilza, 2012).

Todo o processo de trabalho realizado na festa com relação ao preparo da culinária do milho tem a participação de quase toda a comunidade evangélica local, pois todos dão sua parcela de colaboração nos trabalhos desenvolvidos tanto na preparação das comidas, quanto na logística do evento de uma forma geral. O evento acontece em apenas um dia, pois os produtos culinários do milho são muito fáceis de estragar, assim como Sr. Ivo relata:

(...) mas a gente tem tudo de milho, tudo, tudo, que a gente tem de milho, que a gente sabe, pode ser que tenha alguma coisa que a gente não aprendeu, não descobriu, mas é um trabalho de um dia só e começa 5 horas da tarde e vai até 11 e meia, meia noite no sábado, que não tem condições de fazer em dois dia, que milho é uma coisa! Você faz uma outra festa ai é fácil, milho tu tem que fazer hoje e vender hoje. (Depoimento do Senhor Ivo, 2013).

Toda festa do milho é feita pelos Evangélicos, não tem apoio institucional nenhum e o milho comercializado na festa em forma de produtos culinários é comprado fora do município de Nova Iguaçu, no Ceasa da cidade do Rio de Janeiro como diz Sr. Ivo:

(...) o fazer a gente faz, a gente tá até hoje não pediu colaboração em relação a fazer a data. Por que, o objetivo a gente traz, a gente compra u, a gente vai no Ceasa compra milho a gente faz tudo, né? Claro que é se amanhã, a gente for fazer com uma proporção maior, o que a gente tem que fazer é conseguir se vê se a gente consegue mais gente pra se fazer mais, pra naquele dia ter um número maior de pessoas, mas existe uma dificuldade Jaceruba; por exemplo se tu programar uma festa dependendo do tipo da programação e até de um final de semana totalmente de chuva você não tem a participação, aí você acaba estragando muita coisa, então, você tem di, você tem di estudar na semana de acordo com a temperatura como vai ser o final de semana, né? E a gente... graças a Deus que a gente nunca teve prejuízo. Nunca tivemos prejuízo. (Depoimento do Senhor Ivo, 2013).

A venda dos produtos culinários à base do milho acontecem nas barracas que ficam situadas no pátio da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. O evento reúne cerca de 1.500 pessoas, que circulam pelo local para degustar a culinária e por consequência, participarem da fé, propagada pelo Sr. Ivo, Pastor da Igreja Evangélica em Jaceruba, por meio das pregações, músicas e sociabilidade.

O Simbolismo da Festa do Milho de Jaceruba está ligado ao aspecto sagrado com representação na própria criação da festividade, pois, não se trata apenas de um evento de caráter popular ou econômico em si, mas sim religioso, sob a interpretação de como o “alimento” e a comensalidade podem de certa forma agregar fiéis, público em geral e mesmo não adeptos e ainda cristalizar o cenário da Igreja Evangélica Assembleia de Deus a uma festa que produz sentido na cidade, no bairro e nas pessoas. A intenção, função e missão da festa encontra lugar na formação do lugar. A pobreza, as dificuldades e a própria história do lugar vai conduzindo os espetáculos necessários à atual construção da sociedade.

A consciência espectadora, prisioneira dum universo estreito, limitada pelo écran do espetáculo, para onde sua vida foi deportada, não conhece mais do que interlocutores fictícios que lhe falam unilateralmente da sua mercadoria e da política da sua mercadoria. O espetáculo, em toda a sua extensão, é seu «sinal do espelho». Aqui se põe em cena a falsa saída num autismo generalizado. Debord (1997, p.137)

Cada grupo social parece estar dentro de espaços favorecidos a si como formas de ver e entender o mundo. Essa interpretação muitas vezes está ligada ao seu mundo, como se fosse realmente uma bolha. Se fechando fica mais fácil conduzir seus cenários e suas razões para a criação dos espaços, memórias e lugares.

Os grupos, como é o caso deste em especial, pode ser pensado sob a oscilação entre as tradições e as invenções locais, como forma de criar os seus “lugares de memória”, ou seja, o que faz sentido para os indivíduos e grupos, indiferente de uma memória coletiva pautada em tradições (HOBSBAWN; RANGER. 1984), e continuidades do passado (NORA, 1993).

Esse momento cria sentidos, grupos e formas de diferenciar os territórios, no caso do milho, pela imagem do sagrado, da abundância e da aliança com as normas e regras da Igreja. Essa perspectiva forma uma aliança com o sentido desse lugar, criado para a contemplação, para a ordem e mesmo, para entender essa valorização de expressões culturais associada aos contextos locais. O patrimônio cultural está em movimento, junto com as novas perspectivas e valores criados pelos lugares, no caso das memórias atuais, contemporâneas e vivas, esse sentido é encorajado pelo “valor” dado a ação, atitude e mesmo criação de novas formas de manifestação cultural.

### **3 OS TERRITÓRIOS DE MEMÓRIA: MANIFESTAÇÕES E EXPRESSÕES NA FORMAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

As festas são formas de representação cultural que tem como cenário ruas, praças, espaços e estabelecimentos considerados territórios populares. Elas representam momentos especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades diárias são substituídas por práticas diversas do cotidiano. Essas atividades podem ser traduzidas por diferentes perspectivas, pautadas em relações e realizações populares em conformação dos laços de identidade e solidariedade grupal.

A maneira de festejar sempre ou quase sempre englobam o ato de comemorar algo e de comer. As trocas de sociabilidade giram em torno dessas representações, além dos rituais e expressões que acabam direcionando a forma festiva. Tempo e espaço são divisões que de certa forma estabelecem os critérios dos tipos de festas, além de sua característica marcante: sagrado e profano. As festas populares também se formam pelas relações com a produção do sentido religioso, por exemplo, a festa do milho, que ocorre como uma resposta à abundância e fartura das comunidades que a produzem.

Apesar de não ser uma festa religiosa, ocorre no âmbito da Igreja Assembléia de Deus e é “cristalizada” no cenário produzido pelas ações dos fiéis dessa representação religiosa. As festas populares na atualidade acabam sendo formas de transformação de recursos sejam eles naturais



ou artificiais, com poder político e econômico, pautadas de certa maneira por disputas na sua condução, seja pela atratividade, seja pela atuação de indivíduos ou grupos que as conduzem.

Na cidade de Nova Iguaçu, as festas do milho, da banana e do aipim reproduzem esse discurso de disputas e também de formações identitárias, especialmente pela conotação de lutas sociais. Essas lutas são formas de expressão que descrevem a necessidade de suplantar a pobreza e garantir melhores condições de vida e legitimação de grupos.

O espaço social vivido e acrescido de significados das festas, vão sendo fortalecidos pela necessidade de identificar os grupos em territórios. Como premissa dessa relação encontra-se o Tinguá, protagonista da cultura alimentar, das formações históricas e econômicas da cidade em seus tempos áureos e também como remanescente de tempos melhores em tempos econômicos.

Esses territórios, expressados nas culturas alimentares da banana, do aipim e do milho são fortalecidos pela inscrição que lhes compete: os grupos sociais produtores de sentido. Esses sentidos são de certa forma as inscrições que determinam as funções da festa. A função da festa da banana é estabelecer a marca e expressão da produção agroindustrial familiar, desenhada nos pratos, nos produtos comercializados e inventados por esse canal. Com o passar dos anos, novos contingentes vão reconhecendo a cidade como produtora da banana e seus derivados e acrescidos do gosto pela banana está também a memória do gosto.

Da mesma forma está a festa do aipim, já institucionalizada pelo poder público local, favorece o alimento típico da localidade, também favorecido pela criação gastronômica que ora pode favorecer novos nichos de negócios como o turismo. Dessas relações percebe-se que, o produto, a relação e sentido criados vão definindo novas possibilidades de formação do patrimônio cultural. Uma forma de luta pelas histórias comuns de sujeitos sociais capazes de mudar a própria sorte e de repensar a cidade.

O patrimônio também descreve a relação de luta pelas identidades, de forma a sintetizar o que representa a cidade e seus espaços (BORTOLOTTI, 2011). Esse processo de “identificação” do patrimônio passa pela discussão da espetacularização do espaço, de pessoas e de grupos, especialmente de festas.

O espetáculo, o entretenimento e a “mercantilização” das festas vão transformando seus sentidos em mercadorias globais, no entanto, essa definição também perpassa a relação de pertencimento e sentido criado pelas comunidades partícipes do processo de criação, manutenção e expansão das festas nos lugares também gestados por eles. As mudanças dos



lugares vão dizendo qual o caminho que os bens, as festas e o próprio patrimônio cultural desenha na história das cidades, “as gentes”, suas singulares histórias também escrevem quais serão os caminhos do patrimônio histórico e cultural dos ambientes, cenários, espaços e territórios criados na contemporaneidade.

## **CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

As festas e comemorações populares parecem permear a vivência do ser humano na sociedade, e desta forma, oram ou adoram a seus Santos, prestam homenagens a seus ídolos, dançam, cantam, revivem, criam e recriam simbolismos com os quais tecem seu universo cultural e deste modo a cultura acaba por ser também uma forma de inventar as tradições.

As construções das histórias dos moradores locais determinaram neste trabalho, as vozes que falaram sobre a formação das festividades e suas funções sociais, culturais e econômicas. A partir dessa conotação, nos depoimentos dos moradores do bairro de Jaceruba, percebe-se como as primeiras festas foram incorporadas no universo popular, na vida cotidiana e nas relações com o espaço, criando uma nova imagem para o bairro.

Tanto a festa da banana quanto a do aipim e a do milho celebram o alimento, a construção social do espaço pelo trabalho e as lutas sociais, motivando os moradores de uma localidade prejudicada pela imagem da pobreza, falta de recursos e de espaços de sociabilidade. Essas lutas vão aos poucos modificando as exclusões e representando outros sentidos às pessoas, lugares e histórias.

A identificação e a constituição dos patrimônios objetiva despertar a interpretação, a proteção, a salvaguarda, até chegar à sua promoção de forma responsável, visando à preservação e a valorização das culturas locais, contribuindo assim para o fortalecimento das identidades.

As festas têm seu universo simbólico de construções, pois, o processo das relações sociais se dá através do modo como procuram representá-la para o outro ver, para homenagear, honrar, cultuar, para preservar aquele *modus operandi*, que inclui hábitos, valores e costumes. Valorizar as manifestações populares em Nova Iguaçu pode despertar em cada um o sentimento de valorização do que lhes pertence e do qual fazem parte, para que se orgulhem de tudo que constitui particularmente seu universo cultural, sua vida e sua história, de pessoas simples, mas que carregam as memórias coletivas, e suas identidades.



A herança cultural tem uma dupla referência, de culturas locais e de cultura global, num mundo cada vez mais comprimido e diverso no que se refere à globalização e massificação de informações, objetos e espaços. A cultura local refere-se aos fenômenos particulares, presentes num pequeno espaço, onde as trocas são densas e marcantes, como o caso das celebrações, da religiosidade, da simbologia dos objetos e nas suas repercussões no tempo e espaço, por meio da herança. No que se refere ao global, pode-se dizer que o próprio conceito tende a destruir o sentido do “local”, favorecendo o sentimento de não pertencimento ou ainda de desconhecimento. (SIMMEL; FRISBY; FEATHERSTONE, 1997)

Destas festas, percebe-se que sua formação e divulgação à sociedade acabam por representar simbolicamente Nova Iguaçu, além de tentar a mudança de uma imagem de pobreza e exclusão social, alinhadas ao reconhecimento da sociedade que, ora pautada numa nova perspectiva, pode reconhecer os esforços e das lutas pela melhoria das condições de vida.

A questão fundamental desse trabalho é o processo de formação do patrimônio pela perspectiva do popular. Mudando um pouco da relação de que os grupos sempre seguiram um formato modelo, a propensão agora parece ter invertido o sentido, trazendo de si para os demais, ainda que, esse processo seja apenas o início de uma mudança no sentido de criação “das identidades”, “tradições” ou mesmo manifestações culturais.

Os registros do patrimônio como metodologia não se restringem ao uso do IPHAN, mas também aos grupos sociais ou de pesquisas que se interessem por realizar a documentação de determinado bem cultural. (TOJI, 2009). Assim sendo, buscou-se por meio desta metodologia a formação de um acervo da cidade no que se refere aos bens culturais imateriais, formados a partir dos depoimentos orais e fortalecidos pelas discussões que foram e serão efetivadas acerca do objeto imaterial. Reconhecer também faz parte da formação do patrimônio. A espetacularização da vida vai tomando novas formas, e, apesar da crítica voltada para essa conotação do patrimônio, isso também faz parte dessa sociedade do espetáculo. (DEBORD, 1997)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BAUMAN, Z. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012
- BORTOLOTTI, Chiara. *Le Patrimoine culturel immatériel. Enjeux d'une nouvelle catégorie*. Paris, Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2011.



CHARTIER, R. O mundo como representação. *Revista de Estudos avançados*. [online]. 1991, vol.5, n.11, p. 173-191. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 22 Mar. 2012.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

HOBSBAWN, Eric. RANGER, Terence. (orgs.). *A invenção das tradições*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. Ouro e o café na região de Iguazu: Da abertura de caminhos à implantação da estrada de ferro. In: *Revista Pilares da História*. Ano III, N. 04. Maio de 2004. p.07-21.

PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja*. História econômica de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: FGV/SEEC, 1977.

PIRES, Mário Jorge. *Lazer e Turismo Cultural*. São Paulo: Manole, 2001.

SIMMEL, G. FRISBY, D. FEATHERSTONE, M. *Simmel on culture: selected writings*. London: Sage Publications, 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TOJI, Simone. Patrimônio imaterial: marcos, referências, políticas públicas e alguns dilemas. *Revista Memória e Patrimônio*. UNESP, FCLAs, CEDAP, v. 5, n.2, p. 3-18 - dez. 2009.

#### **DEPOENTES:**

Isis Felix do Rêgo, 52 anos, nasceu no Bairro de Jaceruba, membro da comissão de organização da Festa da Banana desde a 1ª Edição em Dezembro de 2007. Entrevista concedida em: 17/10/2012.

Raimunda Oliveira de Landa, 74 anos, nasceu em Minas Gerais, reside atualmente no município de Nilópolis, foi membro da comissão de organização da 1ª Festa do Aipim e convidada a fazer parte da Organização da 1ª da Banana de Jaceruba, edição de 2007. Entrevista concedida em 15/10/2012.



Edson Sigolo, 45 anos, nasceu em Mesquita, é a personalidade que encabeça os encontros de Folia de Reis no Bairro K-11, em Nova Iguaçu. Entrevista concedida em 10/01/2013.

Padre Marcus Barbosa Guimarães, 51 anos, nasceu em Mesquita, é Pároco da Igreja de Santo Antonio de Jacutinga em Nova Iguaçu e um dos principais coordenadores dos festejos em homenagem ao santo. Entrevista realizada em 06/06/2013.

Ivo Paes Leme, é Pastor da Comunidade evangélica em Jaceruba. Entrevista concedida em 23/11/2012. e Marilza Leme, Esposa do Pastor Ivo - Principais responsáveis pela organização da Festa do Milho em Jaceruba. Entrevista concedida em 23/11/2012.